

# TERRA

Semanário Anarquista

# LIVRE

N.º 11—1.º ANO

Diretor: PINTO QUARTIM  
Propriedade do grupo editor da  
TERRA LIVRE

Publica-se ás 5.ªs feiras

Redação e administração  
Rua das Gaveas, 55, 1.º

Editor: JAIME DE CASTRO

Comp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS  
R. do Poço dos Negros, 81

PREÇO 20 RS.

## O BOM CAMINHO

Preocupado anda o governo, ao que se diz, com a paralização de trabalho que os rurais pretendem levar a efeito no dia 2 de junho.

Preocupadas se mostram as gazetas com esse movimento de protesto que os trabalhadores dos campos desejam fazer contra as arbitrariedades prisões dos seus — e nossos — camaradas e contra o nenhum respeito que nestes tempos de *admirável liberdade* se está tendo pelos direitos de associação e reunião. E, á medida que sombriamente vão tratando o assunto, vão dando, á mistura com as insídias costumadas, com torpezas de toda a ordem e com misteriosos e trajicos boatos, *bons* conselhos... de *amigos*...

Preocupados andam os politicos de todas as côres republicanas, mais ou menos verdes, mais ou menos vermelhos — o que é tudo uma e a mesma coisa — e tão preocupados que, tendo uns contra os outros os odios mais fundos, sentindo uns pelos outros a mais intensa e feroz antipatia, subitamente se puzeram de acordo a respeito da celeberrima questão do jogo para que Afonso Costa continue no poder.

Sentem a necessidade dum homem de pulso, dum João Franco que á doida tirenize e oprima, e fuzile e esmague. E esse homem — embora lá tenham outros — está no poder. Todos os partidos julgam que o momento é grave e que estas coisas se resolvem á bordoadada.

Todos os partidos julgam ter no atual presidente de ministros um *homem* que convem para essas cenas de aparato. E os partidos, nutrindo embora uns pelos outros um ódio verde, deram-se as mãos para o que der e vier, apoiando assim solidamente a ferocidade governamental que julgam necessaria, indispensavel...

Ora, em face de tanta preocupação de tanta gente e dessa estranha atitude aggressiva que se esboça e acentua, somos levados a observar o caso e a procurar encontrar os *porquês* de tudo isto.

Pois uma paralização de trabalho de 24 horas feita por quarenta ou cincoenta mil ho-

mens do campo — no caso do protesto não ser secundado pelos operarios de varias cidades e vilas industriais, o que não é provavel — assim assusta e desorienta as classes dominantes?! Assim perdem todos a cabeça e estupidamente apelam para a violencia, para a força bruta? Como se explica essa atitude que se vai desenhando claramente?

Não nos parece que o movimento de protesto — movimento alias justissimo — possa assim encher de medo todos aqueles que vivem nas altas e deslumbrantes rejões da politica...

Que se receia então? Temem que o movimento de protesto — estranha coisa! — se transforme numa greve revolucionaria?... Temem que, enquanto isso se passar, quaisquer elementos republicanos saiam desta vez com o tão apregoado golpe de estado? Esperam a conspiração monarchica e nova incursão? E' a intervenção estrangeira que entreveem no meio destas nuvens carregadas?

Ou é tudo isto uma comedia em que certos partidos, representando o papel de suportes do governo numa situação que pintam com côres negras, procuram, muito ao contrario, enterrar o governo, aniquilar o presidente do ministerio, cercandolo numa atmosfera de odio irreprimivel?

Dificil, muito difficil mesmo, descortinar o que se visa.

As apparencias enganam; e o subterraneo social da capital e do país não ha ninguem que o entenda.

Nós, pelo menos, não o entendemos. Não vemos um ponto claro no meio de tão confusa situação.

Demasiada importancia se está dando ao protesto dos rurais. Bom será que ele seja tomado na devida conta, que se lhe reconheça a sua absoluta justiça, a sua significação moral admiravel e que se lhe responda satisfazendo as reclamações que ele traz bem claras, bem patentes. Não se ezajere, porem, o seu fim nem o estejam a rodear de insídias e torpezas e boatos misteriosos e terriveis!

Mas, se tanta importancia se lhe dá e tanto dele se receia,

se os politicos de todas as cores republicanas — cheios dum medo patologico — veem sair dali... a perda da *sua* patria, e, mais que isso, a perda da gamela em que afocinham — então teem na sua frente uma otima atitude.

E é esta: pôr em liberdade todos os rurais presos arbitrariamente e garantir o direito de associação e reunião, em vez de o atropelar a toda a hora.

E o protesto não se fará... por *isto* passar a entrar no bom caminho.

### Do Natural

#### Quatro anos de cadeia

Vi-o na cadeia. Tinha quatorze anos e havia quatro que ele só via o sol e o céu, de que tanto gostava, através do estreito gradeado do seu catifeiro iniquo.

Dez anos! Tinha dez anos a desventurada criança quando, em vez de pão e de amor, de caricias e de luz, lhe deram as grades duma cadeia... Outra coisa não merecia — entenderam — esse pobre pequeno de dez anos, que não tinha casa, que não tinha pão...

Co tou-me a sua historia. Sacrificado á dolorosa vagabundagem das ruas pelo abandono barbaro do pai e pela miseria da mãe, o pequenito, um dia, cheio de fome, ousou furtar, dos taboleiros do mercado da sua terra, alguns pedaços de pão. Comeu, satisfez-se, regalou-se, — e, nesse dia, tudo, ao seu redor, adquiriu, para ele, uma claridade nova, um resplendor de festa, um clarão de jubilo... Aquele gesto, que, repetido o havia de levar, mais tarde, ao inferno duma cadeia, foi, para o infeliz uma revelação... Assim, não continuaria a ter fome. Nunca mais! E como era bom não ter fome!

Foi assim que ele, o pequeno deserdao, pária infantil, uma vez provado o goso inefavel, passou a furtar, dia a dia, dos taboleiros do mercado, aquele pão salvador, aquele pão fulvo e macio — que ninguem lhe dava, que todos lhe recusavam, que todos lhe proibiam...

Tinha por casa o abrigo dos portais e das arvores bondosas — como os cães vadios e os passaros errantes. Mas, errante como os passaros e como os cães sem dono, era livre, bem livre — tão livre como eles... Comido o seu pão, — o pão macio e fulvo dos taboleiros do mercado — ia-se, contente como um principe, pelos campos em fóra, á caça das borboletas e dos ninhos e por lá se quedava, dias inteiros, namorando, num embevecimento de poeta precoce, a grande maravilhosa turqueza do céu, observando, estasiado, a viagem das pombas nevadas, escutando, imovel, deliciado, feliz, a musica das aves e a oração dos regatos... Sim, era livre, bem livre; e, na sua miseria, na sua boémia gentil de criança, ele, não trocaria aquela liberdade, aquele augusto e fraterno convívio da Natureza, por todos os tesouros da Terra.

Durou pouco, porém, já o sabemos, esse tempo de ventura. Um dia, tinha ele dez anos — uma aurora que nasce, um lirio que desabrocha! — tomaram-lhe o braço e, brutalmente, impiedosamente, lanceando-o de apostrofes rancorosas, atiram com ele, o alegre, o inocente serafim das ruas, para o

inferno duma cadeia sinistra, como vadio e ladrão...

Tinha ele, quando lhe falei, quatorze anos. Havia quatro que o tinham prendido — por comer e ser livre, — que ele só via o sol e o céu de que tanto gostava, através do estreito gradeado do seu catifeiro iniquo...

JOSÉ BACELAR.

## Factos e comentarios

### Duelos

O duelo, essa coisa estúpida e rizi vel que certos desmiolados ainda pretendem impinjir-nos como uma das mais respeitaveis manif stações da dignidade humana, está sendo apreciado entre nós como um verdadeiro espectáculo... Admiram-se? Pois é assim mesmo. E a prova tivemos-la outro dia no recontro de dois garbosos espadachins, ali na Ameixoeira, do qual recontro resultou ficar um deles arranhado no ante-braço direito... sem consequencias de melhor. A coisa, ao que nos dizem, esteve fartamente concorrida de conspicios cavalheiros e conhecidos *sportmens*. Nunca tanta gente, pelos modos, assistiu, até hoje, entre nós, a um duelo!

Por este caminhar não tardará muito que tão comicos espectaculos sejam explorados, por ezemplo, ali no Coliseu, a uns tantos centavos por cabeça...

E' caso p'ra ganhar um dinheirão... Que tristeza!

### Depoimento insuspeito

Fala o sr. dr. Bernardino Machado, em elucidativa palestra com um redator do *Imparcial*, folha brasileira:

«A legislação do governo provisorio não foi senão, em grande parte, a restauração das leis já promulgadas e ezecutadas, pelos monarchicos, conservadores e liberais de Portugal.

A lei eleitoral modelamo-la pela de Fontes.

A lei administrativa pela de Sampaio.

A lei da imprensa pela de Barjona de Freitas, e note se, pelo rejisto civil obrigatorio que nós decretamos, já Barjona havia aberto crise ministerial, e até a lei de separação da igreja do Estado havia sido reclamada no Parlamento pelo conservador liberal Silveira da Mota, que teve a honra de ser presidente da Camara dos Deputados.»

Isto mesmo já nós sabiamos. Mas, se o dissessemos, talvez nos não acreditassem...

### Aos emigrantes

Os consulados da republica portuguesa no Brasil teem dirigido ao ministro dos estrangeiros circustanciadas informações referentes ao excessivo aumento de emigrantes portugueses, que pedem a sua repatriação, em vista de não arranjarem colocação naquele país.

Segundo os jornais fluminenses é aprocimadamente de 10.000 o numero de individuos nestas circustancias e que lutam com as maiores necessidades, visto que as despesas da viagem lhes absorveram os minguados haveres.

E ai-la se atrevem os exploradores da miseria a apresentar o Brasil como um paraíso!

**Perseguição infame**

Hoje como ontem. No capítulo *liberdade* podemos figurar dignamente ao lado da Rússia...

Desta vez, a vítima é um militar. Chama-se êle Manuel Fiuza Junior e é 2.º cabo de artilharia em Loanda.

Este homem, segundo nos informam, está sendo alvo constante da mais feroz das perseguições, por parte dos seus superiores—só porque não pensa ezatamente como eles...

Protestando enerjicamente contra tal infamia, chamamos para o facto a atenção de toda a imprensa anarquista do paiz.

**Que amigos!**

Convidaram, ha dias, os operarios da Fabrica d'Armas o dr. Francisco Ceia a realizar uma conferencia sobre tuberculose. Acedeu o distinto clinico, da melhor vontade, ao convite que lhe foi feito. Mas essa conferencia não se realizará... Por muito estranho que o

facto pareça, é esta a verdade. O diretor daquele estabelecimento, em obediencia, decerto, a ordens emanadas do governo, avisou o dr. Francisco Ceia de que não podia permitir a referida conferencia, acrescentando que os operarios, depois de um dia de trabalho, não teem tempo para assistir a conferencias. Precisam de repouso e os momentos que consagrariam a ouvi-lo, redundariam naturalmente em prejuizo da sua saude...

Um grande amigo dos seus operarios, este sr. diretor da Fabrica d'Armas!

Mas, quem o não conhecer...

**Falta de espaço**

E' a causa invencivel que nós inibe de hoje alongarmos esta secção, assim como de inserirmos muita materia já composta.

Mas quanto a comentarios e notas não perdem pela demora mesmo porque ha sempre assunto variado e otimo para notar e comentar.

venciveis e superiores por dom e natureza.

E' dos mais fortes, dos mais atrevidos no batalhar que nasceram as classes privilegiadas das minorias, cuja base fundamental é a qualidade de militar. E' da classe militar, do guerreiro, que nos vem a aristocracia, o patriciado, a desigualdade social e de riquezas; é dela que vem o modelo autocratico dos *chefes*, dos poderes, da subordinação social escalonada e hierarquizada, da divisão dos individuos em governados e governantes, em explorados e exploradores, que conservam o monopolio do mando discricionario e absoluto.

Toda a luta envolve a ideia de vencedor e vencido—cuja vida, quando é poupada, é a dum escravo,—e implicitamente é a elevação, o predominio do vencedor, dum individuo que se distinguiu e tende a desenvolver-se á custa doutro que se rebaixa, que se submete.

As guerras das sociedades criam sobretudo agregados dirigentes, mandantes, governamentais, que, educados para a luta, criam por sua propria condição de vida, outras guerras, outros combates e aperfeiçoam-se no sentido açambarcador da sua intervenção em toda a atividade e manifestações sociais.

E neste aperfeiçoamento, neste desenvolvimento de casta aguerrida e tendo o vencido passado a ser incorporado no agregado vencedor, confundindo-se com os fracos, com os escravos já lá ezistentes—a classe *superior*, a aristocratica, a vencedora passa a confundir e a considerar seus inimigos não só os povos visinhos, estranhos ao seu agregado, mas tambem a classe *inferior*, a população, a *ralé*, a *canalha* dêsse agregado que luta pelo pão, pela liberdade e por uma igualdade só prometida, ás vezes, mas nunca efetivada.

Assim o estrangeiro é considerado um inimigo e julgado como um criminoso; o individuo da classe *baixa* é considerado um criminoso e julgado como um inimigo.

A classe militar, a preponderante, organizada em poder politico, que se chama aristocracia, ou democracia procede de igual forma contra o inimigo exterior como contra os que ela considera inimigos interiores, tratando os vencidos como criminosos e estes como vencidos.

O crime social, politico,—a diversidade de opinião, de ideias sociais—é concebido só para a classe subjugada em face da que governa. Os membros desta classe—a superior—teem um direito de vida e de morte sobre a pessoa dos seus vassallos, subditos ou cidadãos. Para ela que domina, que tem a força armada, os tribunais as pri-

sões, a engrenagem triturante das leis e da violencia, a ideia de crime da sua parte, de abuso, de poder, nem sequer lhe ocorre e julga que o despotismo que ezerce é a simples confirmação duma ordem estabelecida, acatada ou pretendidamente acatada pela maioria ignorante dos seus direitos e deveres. Daqui o considerar-se como criminosos da peor especie, como inimigos interiores aqueles que são tidos como adversarios politicos, havendo para êles leis de esceção, e sempre muito mais violentas e torturantes do que as que são confecionadas para punir os atos mais repugnantes dos chamados delitos comuns e de sangue. A luta contra o adversario politico é muito mais carnal...

O poder governamental, a autoridade, a organização social baseada no predominio do mais forte sobre o mais fraco, do guerreiro, assassino e rapiante, sobre o pacifico, produtor e trabalhador, é a usurpação pela violencia duma classe, criada numa epoca de lutas externas que se converteu num nucleo de individuos exploradores e que em nome desse perigo externo alargou e intensificou a sua ação sobre os individuos do respetivo agregado. A injenuidade destes deixou que medrassem os impostores...

E' portanto na classe guerreira primitiva que nós vamos encontrar os embriões dos *chefes*, dos reis, dos governantes, do poder politico. Nos *chefes* se acumulam todos os poderes e elementos de força, e numa natural tendência eles procuram em tudo e por tudo, mandarem abusivamente na economia, na familia, na arte, na ciencia, na moral, na justiça e na politica!

E se não bastasse a força, a violencia para submeter os injenuos, ainda teem a aucilia-los a religião ou o espirito evemrista que lhes dá o carater de serem na terra a imajem dum poder divino. A classe sacerdotal e a classe militar, posto que distintas, são no fundo uma só, que não podem viver separadas e que viveram sempre intimamente ligadas: «ao periodo dos reis-padres sucedeu o dos padres enfeudados no poder politico» e *esse espirito* ainda hoje eziste...

E', pois, neste aspeto guerreiro das sociedades primitivas que nós vemos o inicio da divisão das sociedades em duas castas ou classes—patricios e plebeus, nobres e vassallos, burgueses e proletarios, *superiores* e *inferiores*—e cujo dualismo se prolonga até hoje.

Uma vez criadas as classes sociais, a classe guerreira tende a usurpar todas as manifes-

**RESPONDENDO A UM INQUERITO****SINDICALISMO E ANARQUISMO**

IV

Meus amigos:

A evolução da estrutura dos diversos agregados já referidos apresenta-nos dois aspetos cujo progresso e desenvolvimento dum deles se faz sempre á custa do outro. A ezistencia dum é a morte do outro. A ezistencia simultanea de ambos é fonte perene de conflitos internos.

Um desses aspetos é a organização natural, estavel, pacifica, contratual, por necessaria e espontanea adesão dos individuos, para realizarem o seu fim, e efetivarem por si mesmos, sem qualquer outra intervenção, o principio de sociabilidade. O outro é o aspeto menos natural, coercitivo, que forma o involucro, a periferia, a fronteira fechada e exclusiva que serve de limite ao organismo social; sob este aspeto desenvolve-se a violencia, o despotismo, o arbitrio do mais forte.

Na escassês das substancias e á mingua de enjenho e de conhecimentos para as produzir e ainda a falta de raciocinio para avaliar a superioridade da ação voluntaria conjugada dos individuos sobre a dispersão de forças, a luta, a concorrência—os seres humanos viam, e ainda veem, respetivamente nos outros agregados esternos sociais outros tantos inimigos que lhes tornavam e tornam mais dificil a vida. Daquí o carater de hostilidade que há para com todo o agregado estranho áquele em que se vive e a tendencia feroz para considerar inimigo todo aquele individuo que não pertence ao agregado,—tendencia essa que chega a atinjar o maximo no facto de não se poderem ver os individuos pertencentes aos demais agregados, ordas, tribus, nações, sem que não travem imediatamente luta—luta cruel, sanguinolenta, rai-

voza. E' o odio contra o estrangeiro!...

E' nesta luta, neste ataque e nesta defesa, em que a força se opõe á força, para manter uma pretendida intanjibilidade e um absoluto e rigoroso isolamento, que surge, se distingue e se eleva dentre cada agregado aquele que mais aptidão tem em matar o inimigo, aquele que mais *valor* tem na prestesa de fazer mortes, subjugando, aniquilando, fazendo *razias* nos agregados seus visinhos e seus concorrentes na luta pela ezistencia.

Desta *habilidade* em matar, desta *especialidade honrosa* de destruir vidas, de ser forte, surge, *dentro* de cada organismo social, o predominio dum pequeno número de criaturas sobre os restantes seus semelhantes assaz injenuos para lhes suportarem a vaidade atrevida, e alargando-se e intensificando-se criam um nome de força, uma hierarquia e dividem os individuos em dois grandes grupos.

Deste aspeto—a fase guerreira—nascem, pois, dentro de cada sociedade duas classes de individuos—uma, a maioria, a dos pacificos, a dos que trabalham, dos que aplicam o seu enjenho e enerjias em produzir utilidades, dos que criam o patrimonio da humanidade e que nada teem e a quem é devido todo o progresso; outra, a minoria, a dos guerreiros, dos intolerantes, dos que vivem á custa do trabalho alheio ou da rapina, dos que tudo teem e de tudo dispõem, dos que mandam, dos que governam.

A primeira é a chamada classe dos fracos—das mulheres, das crianças, dos cativos, dos escravos, servos da gleba, proletarios; a segunda, a dos fortes, que usando e abusando dessa qualidade chegam a vencer a maioria ignorante e injenua, que são realmente in-

tações da vida coletiva e individual. A sua interferencia torna-se assambradora.

Todas as vezes que os individuos sentem uma necessidade social, se reúnem para a realizar, a chamada *classe superior*, como pretexto de regularizar, intervem e dá-lhe o seu caracter, o seu estigma de violencia, de despotismo. Esta intervenção duma classe sobre a vida daqueles que lhes estão subordinados, em nome duma pretendida e *historica* superioridade é o que se chama a *autoridade*, o governo, a defesa, social contra os individuos.

E' por isso que todos os agrégados sociais que se vão formando dentro de cada sociedade assumem na sua primitiva fase organica um caracter coercitivo, despotico, autoritario em contraste com o servilismo quasi canino dos seus elementos.

A generalidade deste facto em todas as sociedades, desta fase social, da existencia dos chefes autocraticos, dos guerreiros tiranos e despoticos acima dos agrégados sociais são para nós indícios de que ela corresponde, embora transitoria, a uma necessidade social, propria dum estadio social.

Supre, quiçá, a falta duma consciencia coléctiva, duma intelligencia social, dum contractualismo, duma ciencia; é filha duma época em que a escassez das substancias, mesmo dentro de cada agrégado, cria interesses antagonicos e faz quebrar não raramente os laços de sociabilidade, estabelecendo-se no seio dum organismo factores que o perturbam e o dissolvem e que só a força autoritária, a violencia, mantém em equilibrio, sem que o invólucro dentro do qual vivem seres que se degladiam, se rompa, se despedace, formando novos agrégados mais pequenos e naturalmente formados sobre o principio da solidariedade humana.

Mas justamente por sêr *uma fase, um estadio* social é que esse aspéto, — o guerreiro, o autoritário, — é transitorio e tende a desaparecer das organizações sociais, como, aliás, é já *um facto* nalgumas instituições.

A evolução do estadio militar-autoritário para sucessivos estadios cada vez menos despoticos, em que a autoridade, o *poder politico*, se elimina sucessivamente, é do que vamos agora tratar.

Adolfo Lima.

Federação Tipografica Portuguesa

O conselho central desta instituição tipografica vai publicar o relatório e contas da sua gerencia, respeitante aos anos de 1909 a 1912. Conjuntamente com este documento, que será distribuido aos federados, o conselho central enviará ás Associações tipograficas do país a circular comunicatoria do 3.º Congresso, que se realizará em Lisboa, projectando-se a sessão inaugural para o dia 19 de julho.

## O senador Mascuraud

fundador e presidente do «Comité republicano do Comércio e Industria» de França

### que veio fazer a Portugal? Cautela, trabalhadores!

*La Bataille Syndicaliste*, de 17 do corrente, insere um artigo de que traduzimos as seguintes passagens, chamando para elas a atenção dos trabalhadores e suas organizações:

«Para se enriquecer em Marrocos, não basta possuir lá terras: são precisos braços para as explorar. Ora os indijenas, proletarios ainda pouco habituados aos metodos da civilização europeia, não mostram pressa alguma em enriquecer com o seu trabalho esses estrangeiros insolentes que veem, de carabina em punho, tirar-lhes os seus campos. Quanto a explorar as terras por suas mãos, não pode ser: vocês não hão de querer que aqueles senhores da rua de Valois deixem a sua secretária para ir pessoalmente fazer nascer a cevada e o milho nas margens do rio Sebu...»

«O sr. Mascuraud teve então uma ideia genial. Começou a sua viagem por Lisboa. E' sabido, com efeito, que os portugueses — a despeito do provérbio — nem sempre estão alegres, e que, cansados de agitações politicas, desiludidos duma republica cujo primeiro cuidado foi fuzilar grevistas, emigram em massa para o Brazil.

«— Ora aqui está, exclamou êle, a mão de obra de que precisamos! Em vez de os deixar passarem-se para a América, atraíamo-nos para Marrocos, onde eles acharão quasi o mesmo clima e as mesmas terras que na patria. Eles é que valorizarão as nossas propriedades. Como não são franceses, não gozarão da proteção das autoridades; e como não são marroquinos, não terão o recurso de se revoltar. Poderemos pois explorá-los e esfolá-los á vontade. E eis logo o nosso senador a organizar reuniões em Lisboa e a espalhar circulares e prospectos em que promete mundos e fundos aos infelizes proletarios portugueses, que tiverem a injenuidade de se deixar apanhar por esse grosseiro engajamento.»

Não sabemos se o enviado dos financeiros franceses já deu

tal desenvolvimento á sua propaganda entre nós; em todo o caso, falou, nos seus discursos, em recorrer á mão de obra portuguesa.

Todos os governos e burguesias — apesar do seu famoso «patriotismo» — recorrem á mão de obra estrangeira quando esta lhes sai mais em conta; e todos os que necessitam de imigrantes (como o Brazil, por exemplo) preferem os que provem de países fracos, incapazes de reclamações e de protestos, e os que, pela sua ignorância e seus hábitos de miseria, aceitam os mais baixos salarios e os mais fortes pontapés, pondo fora do mercado, pela concorrência, os trabalhadores acostumados a melhor vida, ou obrigando-os a um rebaixamento de condições.

Estejam atentos os trabalhadores portugueses!

Um segundo Brazil! Era o que nos faltava! E' verdade que Marrocos tem, sobre o Brazil, uma vantagem: o estar mais procimo e mais a geito... para o regresso.

Movimento de propaganda

### Contra a carestia da vida

Em face do ezorbitante aumento do preço dos generos de primeira necessidade, que o povo trabalhador já adquire deteriorados e escandalosamente falsificados, e ainda perante a infame exploração dos senhorios, resolveu a Comissão Ezeutiva do 2.º Congresso Sindicalista nomear tres delegados para, com tres camaradas da União das Associações de Classe de Lisboa, estudarem a melhor forma de se emprender um largo e forte movimento de protesto. Esses delegados, constituindo a Comissão Central de propaganda contra a carestia da vida, resolveu que a sua ação se torne extensiva a todo o país pela forma seguinte:

1.º — Na cidade do Porto constituir-se-á um «Comité» composto de cinco membros e se denominará «Comité de propaganda contra a carestia da vida».

2.º — Nas capitais de distrito, esceto Lisboa e Porto, constituir-se-ão nucleos compostos de tres membros e denominar-se-ão «Nucleos de propaganda contra a carestia da vida».

3.º — Os membros que hão de compor o «Comité» deverão ser nomeados pela União Geral dos Trabalhadores do Norte; e os que hão de compor os «Nucleos» serão nomeados pelas organizações operarias locais.

4.º — Corresponder se-ão directamente com a «Comissão Central» o «Comité» e os «Nucleos» de: Evora, Castelo Branco, Leiria, Beja, Faro, Coimbra, Santarem, Portalegre, e o distrito de Lisboa; corresponder se-ão directamente com o «Comité» os «Nucleos» de: Vizeu, Guarda, Vila Real, Viana do Castelo, Bragança, Aveiro, Braga e o distrito do Porto.

5.º — A «Comissão Central» o «Comité» e os «Nucleos» poderão agregar a si todos os individuos que julguem convenientes para a realização dos seus trabalhos.

6.º — Os trabalhos desta organização serão: promover sessões de propaganda, conferencias e comícios publicos em toda a região continental do país, onde se debatirá de forma bem clara a questão «economica» demonstrando-se intelegivelmente quais as causas da atrofiante miseria que aféta a grande familia proletaria, preparando assim, o publico em geral para uns comícios que se hão de realizar em determinado dia e á mesma hora, em localidades que a «Comissão Central» o «Comité» e os «Nucleos» julguem possiveis, nos quais serão apresentadas moções que, uma vez aprovadas, serão entregues ás autoridades locais para por estas serem enviadas ao poder central esceto a de Lisboa que será entregue directamente a este.

7.º — A «Comissão Central» distribuirá pelo «Comité» e «Nucleos» copias da moção, que for apresentada em Lisboa ficando-lhes a Liberdade de a modificarem como lhes convenha, salvaguardando sempre a sua doutrina.

8.º — Os delegados das colectividades aderentes a este movimento são de parecer que a classe operaria se deve manifestar contra a carestia da vida abandonando o trabalho, durante 24 horas, no dia subsequente ao da realização dos comícios, deixando, no entanto, a estes o apreçarem a conveniencia ou inconveniencia da ideia esposta.

9.º — As sessões de propaganda, conferencias e os comícios devem anunciar-se em «placards», que serão afixados nas sédes das associações de classe e nas vias publicas, e nos jornais operarios e libertarios, que publicarão tambem artigos sobre a carestia da vida e os estratos de todas as reuniões.

10.º — Para custear as despesas que este grande movimento decerto acarretará, a «Comissão Central» o «Comité» e os «Nucleos» recolherão de todos os sindicatos aderentes uma quota não inferior a 1/2 centavo per sindicato, que será paga por uma só vez salvo se esta não chegar e se tenha de lançar novo apelo o que, no entanto, se não poderá fazer sem consulta dos delegados de todas as associações.

11.º — A «Comissão Central» o «Comité» e os «Nucleos» constituirão fundos proprios e separados, com as quantias obtidas dentro dos seus distritos.



Publicações da TERRA LIVRE

ENCONTRA-SE Á VENDA

## GEÓRJICAS

Ao trabalhador rural

por Neno Vasco

Folheto de 16 pajinas, com ilustrações no testo e na capa, impresso em ótimo papel em formato elegante:

Preço 10 réis — Um cento 700 réis

Satisfazem se todos os pedidos desde que venham acompanhados da importancia respectiva mais o porte do correio, em estampilhas, vales ou ordem postal.



## Oh! a Republica!...

Para onde vamos? Decididamente, pelo caminho que as coisas vão tomando, não o sabemos. Se mal nos encontramos, politica e economicamente falando, antes de 5 de outubro de 1910, mal ficamos depois desse dia celebre, em que o povo, o bom povo, o eterno espoliado e o eterno iludido de todos os tempos, tingiu as ruas de Lisboa com o seu sangue generoso, batendo-se face a face contra os pretorianos da Realeza, numa ancia indomita e sagrada de Liberdade e de Justiça. Sim, continuamos na mesma situação, precisamente na mesma situação. Apenas houve, como resultado desse esforço heroico, uma unica mudança: a substituição de Manuel II pelo sr. Manuel de Arriaga. Deixámos de sustentar uma criança coroada, — para manter, em seu lugar, um velho cidadão de chapéu alto. Com franqueza, é pouco. O esforço produzido, o sangue derramado mereciam mais alguma coisa, — o que tantas vezes, do alto do tablado dos comícios e nas colunas dos seus jornais, os bons senhores da Republica prometeram e garantiram áquelles que tinham a injenuidade de os escutar e de os ler.

O atual rejime em nada se diferencia do que o precedeu. Eguais processos, identica orientação e, consecuentemente, os mesmos atropelos, as mesmas violencias, as mesmas tiranias, diremos até — os mesmos crimes! Vivemos, é esta a verdade, sem rodeios nem eufemismos mais ou menos agradáveis, numa autentica monarchia de barrete frijio. Ou, talvez melhor, — em pleno miguelismo vermelho. De facto, o que se está passando entre nós transporta-nos aos tempos ignominiosos do vencido de Evora-Monte. Tal como nessa epoca de despotismo e de terror, em que imperavam o baculo e o cacete, cometem-se hoje, para aí, dia a dia, hora a hora, momento a momento, sob o pavilhão bicolor da Democracia, as mais revoltantes infamias, as mais torpes iniquidades, as mais indignas torpezas. Esta é que é a verdade. E é preciso dizer a verdade, toda a verdade, custe o que custar, dê por onde dêr, dê a quem doer. Não conhecemos outra linguagem senão a da Verdade. Nisto, como em tudo, em nada nos parecemos com a imprensa burgueza.

Que faz, que tem feito o Governo em beneficio do Povo? Nada, absolutamente nada. A vida está cada vez mais cara. A miseria invade pouco a pouco todos os lares. O mal estar é geral. Todos murmu-

ram, todos se queixam—e com justa razão. Isto pelo lado economico. Sob o ponto de vista politico, vivemos, positivamente, numa verdadeira bastilha. São atropeladas todos os dias, as mais rudimentares liberdades individuais, apesar de pomposamente consignadas no código fundamental do paiz. A imprensa é perseguida, amordaçada com a mais autocratica das sem-cerimonias. Sucedem-se, as apreensões de jornais, pelo mais leve pretêsto, com absoluto desprezo pelas leis que regulam a liberdade de pensamento. O *Sindicalista* teve, outro dia, sem que saibamos porquê, *guarda de honra* á porta, feita por dois esbirros da policia, com ordem, afirma-se, de impedirem a circulação do jornal. Prende-se, por assim dizer, a torto e a direito, sob falsos pretêstos da ordem publica. Honestos operarios são mettidos em infectas enxovias só porque reclamam para si e para os seus desgraçados companheiros da miseria mais um pouco de pão e aí os conservam longos mezes, como se dos peores criminosos se tratasse. Um ezepllo: Os camaradas presos ha 14 mezes em Aldegalega aguardam ainda o seu julgamento! A liberdade de associação é, tambem, hoje, mais do que nunca, uma palavra totalmente vasia de sentido. Agora mesmo acabamos de saber que foi encerrada a associação de Vale de Cavalos pelo administrador da Chamusca. Antes, porém, a porta foi arrombada, tendo sido roubado tudo quanto lá se encontrava!

Por todo o paiz, emfim, se estão ezercendo as mais vis perseguições contra os que trabalham, contra todos os que vêem reclamando mais uma fatia de pão, mais um pouco de liberdade.

Simplemente infame!

E para isto fez o povo a Republica! Para isto se verteu tanto sangue e se fizeram tantos sacrificios!

### O policia do sindicalismo

*L'Internazionale*, de Parma, recorda que ha pouco tempo o *Echo de Paris* dava noticia dum discurso do ministro inglês Lloyd George nos seguintes termos:

«A impressão de que existe uma estreita colaboração entre o governo e o partido operario acentua-se, lendo-se o discurso de Lloyd George, pronunciado a 19 de março de 1912 na Camara dos Comuns. O chanceler vê no socialista quem ha-de trazer á razão o sindicalista, isto é, vê no socialismo parlamentar «o policia do sindicalismo».

«Então o doido é que ha-de ser o policia do ladrão?» objectou um parlamentar. Em resposta, o ministro mostrou que o interruptor era injusto...

Entre nós, tambem os burgueses se fartam de nos apontar o ezepllo da social-democracia belga ou alemã. E até o do norte-americano Gompers, que «não tem politica»... a não ser a dos partidos burgueses.

Vade retro!

## Uma ideia contra o militarismo

O artigo que abaixo publicamos foi-nos enviado pelo nosso amigo e camarada de Béjar (Salamanca) J. M. Blasquez de Pedro, um dos mais valentes e ativos dos novos escritores anarquistas de Espanha.

Poeta revolucionário distinto, autor de varios trabalhos em verso que se lêem com muito agrado, (*Ideas y Sentimentos*, *Rebeldias cantadas*, etc. Blasquez de Pedro que depois de cursar direito até ao 4.º ano abandonou o curso por lhe repugnarem as leis, os codigos, a justiça e os tribunais, lançando-se desde então na propaganda anarquista com um fervor e valentia pouco vulgares, Blasquez de Pedro revela-se um pensador atrevido e orijinal no seu delicioso livrinho *Pensares*.

A proposta que ele hoje nos apresenta para se fugir ao serviço militar parece-nos pouco pratica; no entanto apreciamos a boa vontade que aquele nosso camarada demonstra em resolver o problema que hoje tão seriamente preocupa os antimilitaristas: ezimir se ao serviço militar.

A Blasquez de Pedro agradecemos as palavras de encitamento e felicitação que nos dirige por nos termos abalançado á publicação da *Terra Livre* de quem diz:

«Vuestro periodico me gusta mucho, porque atendeis a la buena presentación y al movimiento artistico en todas sus manifestaciones, cosa que desprecian muchos periodicos anarquistas, en lo cual hacen mal, a mi ver.»

Que o nosso amigo se lembre de, de quando em quando, nos alegrar com a sua apreciada colaboração no nosso jornal.

Quasi todos os antimilitaristas do mundo encontram não poucas, nem pequenas dificuldades, para evitar que os seus filhos ou irmãos pequenos sejam soldados, toda a vez que os poderes estatuidos os arrebatarem, fazendo-os ingressar nas milicias armadas.

Já que hoje em dia não é possível opor a isto uma forte corrente, que destrua toda esta formalidade, ocorre-me fazer oportunamente uma troca entre os filhos e irmãos pequenos dos antimilitaristas de nações distintas e procimas.

Por ezepllo: um antimilitarista espanhol, que não pode trasladar-se com toda a familia para outro país, envia um filho, antes que entre nas sortes, a casa dum antimilitarista português, e este antimilitarista português, envia igualmente um filho a casa do antimilitarista espanhol.

Está provado que o antimilitarista espanhol tratará bem o filho do antimilitarista português, e que o português tratará bem o filho do espanhol, pois cada qual verá o seu proprio filho no filho do companheiro.

Evidente se torna que de tal modo os gastos e as doenças não serão demais pesados para cada pai, pois que de filho para filho, muito pouca diferença poderá haver.

Ainda mais: com estas trocas conseguir-se-a ampliar, engrandecer e aformosear o conceito da familia, fazendo com que os homens se acostumem a querer como se fossem deles os filhos dos outros.

Grupos especiais, criados para este fim, poderiam ser encarregados de facilitar estas trocas.

J. M. Blasquez de Pedro.

Bejar (Espanha).

Contra "El Libertario",

## UMA VIOLENCIA

O nosso querido e distinto camarada da imprensa anarquista espanhola *Ei Libertario* que, com tanto anôr e com tanta inergia, vem defendendo os nossos queridos ideais, acaba de ser vítima, por parte das autoridades de Gijon, duma revoltante violencia, contra a qual, como nos cumpre, nos apressamos a protestar.

Vejam os nossos leitores o que o grupo editor daquêlle brilhante colega nos comunica:

«Gijon, 19 de abril de 1913: Estimados companheiros: Tem esta circular por fim comunicar-vos o que se está passando conosco.

Quando, na sexta-feira da ultima semana, nos ocupavamos em fechar o nosso jornal, o juiz desta vila, acompanhado de forças de policia, apreendeu-nos a edição correspondente ao dia 12, e diverso material, tudo isto sem que nós tivéssemos apresentado á censura os esemplares necessarios.

Tamanha arbitrariedade pretendem êles justificar, alegando terem recebido uma comunicação anonima, na qual se denunciava que *El Libertario publicaria* um violentissimo artigo contra altos funcionarios da administração da justiça; mas isto não é mais do que uma desculpa. Prova-o o facto de que até á data nenhum processo foi ditado contra qualquer dos que compoem o grupo editor do jornal.

Na realidade, o que se pretende é impedir a publicação de *El Libertario*. O nosso jornal incomoda as autoridades, principalmente a campanha sobre prisões, que vem sendo feita pelo nosso companheiro Suárez e é preciso a todo o transe que *El Libertario* deixe de ezistir.

Para tal fim, como não bastavam as vinte denuncias sofridas desde o nosso aparecimento, apelou-se para a apreensão e para o sequestro do material tipografico. Como se rumoreja que hão-de proseguir e até estremar estas violencias, o proprietario da tipografia que até agora nos servia não quer continuar a fazê-lo, receoso de novos e porventura maiores prejuizos. E sob este mesmo receio, os restantes proprietarios de tipografia negam-se igualmente a editar-nos *El Libertario*.

Já vedes, pois, como nos encontramos. Dá-se outra vez conosco o que se passou com a *Accion Libertaria*. Todavia, como então, não desanimaremos por tão pouco. Se *El Libertario* não puder publicar-se em Gijon, publicar-se-a, custe o que custar, em qualquer outro ponto da provincia. E se tanto fór necessario, noutra localidade importante da Espanha.

Tudo isto, porém, naturalmente, leva seu tempo. Por isso vos enviamos esta circular para vossa tranquillidade. Não o fizemos já porque contavamos publicar o jornal esta semana.

Emquanto *El Libertario* não recommear o seu labor, esperamos que os nossos devedores se apressem a liquidar os seus debitos. Sofremos um regular prejuizo com a apreensão que nos foi feita e dever é de bons companheiros, pelo menos, porem-se em dia com o seu pagamento. Bem pouco lhe pedimos.

Certos de que se não ha de romper o nosso laço de união, confessamos-nos vossos e da grande causa anarquista.

Pelo grupo editor de *El Libertario*:  
E. Quintanilla, M. Suárez, P. Sierra.

## Cartas a uma burguezia

VI

Minha boa amiga:

Sente-se escrava e pretende que a libertem. Apela para mim. E eu, minha amiga, nada poderei fazer nesse sentido. Sente-se escrava, acorrentada intimamente a muita cousa que lhe parece um absurdo ou que pressente que assim é? Pois só por si, com o seu esforço próprio, poderá obter o que pretende—a sua libertação.

Foi assim, pouco mais ou menos, que a si me diriji na minha primeira carta. O que pensava então, agora penso e o que então lhe escrevi, lhe escrevo agora.

Nada poderei fazer do que deseja e tudo o que fizesse seria certamente superficial e inconsistente. Por isso mesmo eu puz termo áquele nosso agradável e fantasiado passeio através dos campos e povoações duma sociedade bem diversa daquela em que infelizmente ainda vivemos.

Foi fantasiado o passeio mas tome de memoria estas palavras: *uma sociedade assim é possível. Tudo nos diz que para lá vamos andando; e quantos mais fôrmos a trabalhar por ela, com amor, mais cedo lá chegaremos. A ciencia está conosco; conosco está de acordo a natureza.*

E eu digo-lhe, minha amiga, apenas isto: tome estas palavras de memoria. Não lhe digo que creia nelas. Não lhe digo que nos siga. Isso seria negar todos os meus principios e torná-la escrava de outras idéias. Não, não digo isso. Digo que as conserve no seu lúcido espirito onde a dúvida do presente já entrou para que mais tarde nelas atente e as analize.

Simplesmente isto.

Foi fantasiado o passeio...

Com ele eu quis sómente tornar mais agradável, mais leve para a minha amiga a exposição de ideias. Melhor me leria assim; e eu podia ter, como tive em rápidos instantes, a deliciosa ilusão de já viver na sociedade porque trabalho, nessa sociedade que preocupa tantos espiritos, desde o rude e bom camponês que moureja de sol a sol na faina da lavoura até o sábio e homem de coração que no seu gabinete leva horas inteiras lendo, pensando e escrevendo...

Muito mais tinha—oh! muito e muito mais!—que dizer á minha amiga; e os proprios pontos que tratei muito poderiam ser desenvolvidos. Toquei-os ao de leve...

Eu quiz apenas levantar a ponta do véu, deixar-lhe entrever por uns instantes, uma sociedade de bondade e de belêsa realizável. Eu quiz mostrar-lhe como a mulher pode ser, se o quizer, bem diferente do

que hoje é, bem senhora de si e dos seus atos, bem livre em tudo e bem util á humanidade.

... Sem que perca a sua belêza, os seus encantos. Pelo contrario: ganhando mais.

Agora fará como quizer. Procurará formar o seu espirito, deixar de ser uma boneca e uma escrava de idéias absurdas, de preconceitos, de erros funestimos, ou continuará sendo o que hoje são quasi todas as mulheres.

E vá-me dizendo sempre se o seu espirito vai sofrendo quaisquer transformações e se continúa a sentir o mesmo interesse pelas idéias do primo alferes que ainda há dias fêz uma conferencia sobre *defeza nacional*...

Sempre ao seu dispor o

Sobral de Campos.

mães, apoiando a greve geral belga, fazem obra de patriotas e só procuram enfraquecer a Beljica para a impedirem de manter a sua neutralidade?

## Barril do lixo

Mas hoje o Estado, por comunhão de interesses, de deveres, de direitos e de ideais, está identificado profundamente com toda a nação portuguesa. O Estado republicano não é o Estado monarchico.

Na Republica—basta atentar desapaixonadamente na sua obra já realizada e na que projeta—o Estado somos nós todos, grandes e pequenos, ricos e pobres. Dantes, o Estado era a monarchia, como no tempo de Luis XIV o Estado era o rei. Mas a monarchia deixou-nos ainda mais este legado, que ela pacientemente economizara: a vaga suposição de que o Estado é o inimigo, o burlão, o especulador, o parasita. Foi tudo isso, mas já não é. O que dantes o Estado ezijia destinava-se a encher os cofres de duas duzias de felizardos; o que hoje o Estado ezije destina-se exclusivamente á propria nação, á consolidação da sua liberdade economica, ao desenvolvimen-

do rei, que escapou milagrosamente do «cobarde» atentado, foi tocado pela graça! Milagre! milagre!

Este republicano á flor da pele, que pede conversão a gritos, é muito comum, é geral nos que dominam tanto num como noutro rejime. Um passo em frente, e são republicanos; um passo atrás, e são realistas. E vice versa. De março a abril não ha muito que rir. Os injênuos que dão á república um lindo conteúdo de fantasia, esses andam a sonhar... em quanto não vem a realidade.

Se se proclamar a república na Espanha, ainda havemos de ver o tal Perida filiado no partido republicano histórico. Olé!

E a chamar *talassas* aos outros.

## NA TURQUIA

continua a feroz reacção desencadeada pela guerra, tanto no país vencido como nos outros Estados balcánicos.

O secretário da União dos Sindicatos de Constantinopla, Zacarias Vezes tenis, foi preso em 10 do corrente e entregue aos tribunais militares, como «suspeito! Está encerrado na prisão militar.



Além do número habitual leiam na próxima quinta-feira o suplemento comemorativo, dedicado ás classes trabalhadoras pelos redatores da *Terra Livre*.

16 paginas — 20 réis

## Revista dos jornais

## Os socialistas

No dia 10 inseria o *Seculo*, na sua primeira pagina, uma carta do seu correspondente de Bruxelas, que termina por este cartucho de rebuçados para os socialistas:

«E' contra esta lei que os socialistas se revoltam, ameaçando a Beljica com uma greve, porque os seus eleitores não dispõem, em geral, dos diplomas necessarios, nem pagam a contribuição minima que dá direito á pluralidade dos votos.

Para obter uma reforma que, mesmo realizada, não lhes daria o poder, eles não hesitam em lançar a perturbação no seu paiz, enfraquecendo-o economicamente e mesmo militarmente. Embragado com as adesões dos socialistas alemães—sinceros patriotas esses, que procuram apenas enfraquecer a Beljica para, no caso duma guerra europea, a impedirem de manter eficazmente a sua neutralidade—o partido operario belga, movido por um entusiasmo pueril, põe-se inconscientemente em conflito com a maioria da nação e manifesta o seu descontentamento d'uma maneira anti-patriotica.»

O que tem graça é haver em Lisboa socialistas que subscrevessem os remques do correspondente, pespegando-lhe com a prosa na primeira pagina do *Socialista* do dia 13! Ou dar-se-á caso que M. J. & C.ª entendam que na verdade os seus correligionarios ale-

to das suas obras publicas, ao auxilio de iniciativas de engrandecimento patrio. O que o Estado recebe é para ser oferecido a toda a nação.—O *Mundo*, de 27 de março de 1913.

## Crónica internacional

## NA AUSTRIA

ao mesmo tempo que aumenta a reacção militarista, desenvolve se a repressão do «crime de pensar».

O jornal libertário *Wohlstand für Alle* (Bem-estar para todos) é apreendido duas vezes cada três números e o seu redator, Pierre Ranus, foi que-relado por «ofensas ao parlamento», visto ter dito numa conferencia que este «não passa duma barraca de saltimbancos.»

Os saltimbancos verdadeiros vão certamente protestar energicamente contra a querela e contra o querelado.

## NA ESPANHA

país de crença e de padres, continuam a dar-se as conversões milagrosas. Aqui temos, por ezemplo, esta:

Madrid, 16.—A's duas da tarde, o rei recebeu 600 deputados provinciais, figurando entre estes o republicano Perida que disse que a corajem do rei o convertera á monarchia.

O soberano respondeu-lhe:

Sou cidadão, cumpri o meu dever.—

O homemzinho, ante a «corajem»

A miséria dos operários da Turquia é espantosa, como espantosa é a miséria das classes pobres das nações «vencedoras.» Os patrões de Constantinopla que tinham feito concessões aos seus operários, tratam agora de as retirar, aproveitando o ensejo favorável.

## NA RUSSIA

o monopólio do álcool, em 1912, rendeu ao Estado 1.600.000 francos. O governo calcula que, em 1913, precisará de 60 milhões de garrafas mais do que no anno passado, ou por outra, 850 ml hectolitros mais!

Segundo o economista Dmitrov e o químico Mende, esta horripilante progressão do alcoolismo... official russo é devida á esportação forçada dos cereais, favorecida pelas autoridades. O «mujik» tem como alimento quasi unico o pão; mas como este lhe falta, o desgraçado entretém a fome com alcool. É o Estado que lho vende, que o envenena.

O alcool é um meio de governar ainda melhor do que o «Knut.»

Graças a êle, tem-se um povo submisso, embrutecido, debilitado—e um forte rendimento para o Tesouro, isto é, para as aljibeiras da burocracia. Dois proveitos num sacco.

## AVISO

A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16 horas.

## Moralidade republicana

Estou assistindo inquestionavelmente a um verdadeiro desfêro das autoridades republicanas.

É mais noto que esta anomalia acentuadamente violenta, que nos traz em constantes sobresaltos, não se dá só nesta republica novata que tem os seus homens pagos a soldo pelo estrangeiro a ezaltar numa *efervescencia* patriótica a pretensa liberalidade com que benevolente nos tem brindado. Não sei se por fazer esta afirmativa me tomarão por um conspirador perigosissimo, sabido como está que até aqueles que propriamente contribuíram em grande parte para o advento do atual rejime, que tão carinhoso tem sabido ser para o operariado, têm sido recompensados com tão pimponeo epiteto e experimentado toda a sorte de vexames.

Mas seja como fôr, pois estou preparado para receber todas as magnanimidades que me queiram ofertar, eu continuo na minha afirmativa de observador fiel. Não é sem razão que me abalanço a desafiar todas as coleras possíveis. Basta levantar a vista por cima das fronteiras e presenciar serenamente o que vai por França.

É preciso, porém, que a cegueira sectarista me não domine e me curve respeitôso fazendo a respetiva venia. A França é o paiz onde o genero republica tem feito os seus assombrosos progressos. É o foco que *dimana* torrentes de luz liberal; é de lá que têm irradiado resplendentes para as republicas suas irmãs os celeberrimos Direitos do Homem, que têm sido fielmente cumpridos... Pondo de parte paixões, todo o mundo deve reconhecer que valeu bem a pena ferir-se a data de 93, 1839 ou 1840 e sacrificar-se as Cimourdain ou as Enjibras. Paiz da liberdade! Salvé! É claro que o povo trabalhador tem sido um pouco atrevido e ingrato por não satisfazer-se só com a liberdade estiriotipada nos escritos e proferida nos discursos com bastantes ramalhetes. Quere-la de facto, que tontice!

É erroneamente tem-se organizado, tem-se unido só porque entende que a *liberdade* politica sem liberdade economica é uma coisa sem geito; só porque entende que a liberdade de lançar um voto na urna por este ou por aquele não equivale a ter o estomago cheio e a ter direito a possuir o que lhe é indispensavel á existencia. Ingrato, ingrato, porque se a republica em 40 anos ainda lhe não deu o prometido, é porque de todo em todo lhe não tem sido possível. Ora as organizações operarias com caráter puramente

sindicalista revolucionario, com caráter reivindicador, são uma réplica intempestiva e um desrespeito flagrante á *liberdade* que os 40 anos de existencia republicana deu á luz. A comprovar, lá temos a C. G. T. O povo francez tem abusado da liberdade. A republica quando deu a liberdade não foi para se abusar dela, nem para á sua sombra, o operariado sindicalizar-se e encetar movimentos de reivindicação economica. Tem ido contra os preceitos da tolerancia e da generosidade da lei?

Retira-se a liberdade, perseguem-se os propagandistas operarios, assaltam-se e suspendem-se os jornais, dá-se caça aos anti-militaristas, encerram-se os sindicatos, etc. Quem tem por norma o abuso, é o que merece. Atendendo á eloquencia dos factos, nem por isso a republica francesa perdeu o seu liberalismo e deixou de refletir a sua moralidade liberalesca ás suas irmãs da Europa e da America. A Arjentina prova-o. Se tem na sua legislação a lei de residencia e outras que incitam á espulsão de operarios conscientes, ao assalto de jornais operarios e á dissolução violenta de associações trabalhadoras, é a mesma razão da França que justifica tudo isso, como ainda é esse o motivo que serve de justificação ás violencias do Brasil para com os trabalhadores, especialmente para os estrangeiros.

Mas Portugal, este paiz de palmo e meio, não quer ficar indifferente ao que se passa. Concedeu, com o seu novo rejime, a mais ampla liberdade ao seu povo: a livre reunião, o livre pensamento, a tribuna livre, a livre imprensa... Louvado seja! Não somos dos piores servidos. Porém, alguém comprometeu essa regalia *usufruida*. No sul, com o desenvolvimento crescente do sindicalismo, com a propaganda intensa de tudo quanto é real e á difusão persistente dos principios emancipadores, o trabalhador rural pécou. Não comeu a maçã como Adão, mas perdeu o paraíso como ele. Abusou da liberdade que a republica lhe deu. Para esta, o sinal de resurjimento e a sua predisposição natural para a luta, para a conquista de um futuro melhor, foi uma afronta imperdoavel.

— Alto lá! — exclamou furibunda. — Eu dei-te a liberdade, mas não era para te servires dela como te estás servindo. Mais devagar é que devias ir; mas já que fôste atrevido, torno a tirar-ta, pois está reconhecido que não estavas preparado para ela. E zás! prende, dissolve, persegue, maltrata, toma conta de dinheiro, de carbões e de livros de escrituração de associações operarias, lacra as portas, acutila e mata. Não sei se a nossa joven sabe o que faz. É bom lembrar que as

violencias e perseguições doutros tempos não couseguiram entrar a marcha vitoriosa do trabalhador rural da Europa durante mais de meio século. É bom saber que até na propria China o movimento do trabalhador rural está a alastrar-se. É um movimento espontaneo, entusiasta, invencivel. Poderão os governos com as suas brutalidades impedi-lo? Não sei. Não me parece. Mas eles intendem que é muito facil abafar o grito de revolta do trabalhador. A opressão começou a ser a ordem natural das coisas. Despresam a historia. Depois queixam-se de que o povo é imbecil. Os homens publicos desta republica, que são lentes, sabios e portentos, não sabem que nenhuma violencia impediu a queda do absolutismo e do feudalismo. Não quere saber que á despeito de todas as arbitrariedades da monarquia a republica triunfou. Bem compreendo que foi uma simples mudança de homens.

Foi a substituição dum velho rotulo por um outro novo e mais aparatoso.

Por isso mesmo, é que quasi chego a não compreender a desorientação de semelhantes dirienjes de um povo. De tudo isto o que intendo perfeitamente é que as republicas assim não podem progredir nem viver socegadas... Mais um sacrificio e tudo está salvo. Não hesites, ó povo. Mais dois ou quatro anos de fome... para quem está afeito...

Clemente Vieira dos Santos.

## Movimento libertario

### RUSSIA

**Greves de protesto** — Para comemorar o primeiro aniversario do morticínio efetuado pela tropa, sobre os grevistas das minas de ouro do Lena (Sibéria), uns 40 a 60 mil operários das fábricas de S. Peterburgo.

A multidão percorreu as ruas cantando hinos revolucionários, sendo afinal dispersa á pranchada e á pata de cavallo. No entanto, continuaram ainda as manifestações parciais.

A perspectiva Newsky esteve occupada militarmente e houve por toda a cidade grande aparato de forças, sendo proibidos os ajuntamentos e efetuando-se numerosas prisões de operários e estudantes.

## NEO-MALTUSIANISMO

### Aos leitores

Atendendo a discordancias que surjiram entre mim e os meus amigos da redação deste jornal á cerca da orientação que eu queria imprimir a esta secção, resolvi suspender a minha colaboração sobre neo-maltusianismo. Conto, no entanto, poder apresentar brevemente um folheto sobre o assunto que será editado pela *Terra Livre*.

Que me desculpem os leitores.

Gaspar Santos

(estudante de medicina)

## Cancros sociais

### II

#### A Nobre Carreira das Armas

Ha seguramente uma carreira que se distingue entre todas as outras pela nobreza da sua alta missao social; pela sumptuosidade da sua ostentação; pela majia da sua soberba; pela escelência das suas virtudes; pela gíria da sua apurada linguagem; etc., etc.

Essa carreira é a Nobre Carreira das Armas (com letras maiúsculas).

Com efeito, não ha profissão de mais elevados intuitos e de mais fidalgo proceder do que esta. Todos nós que lemos alguma cousa... por cima, ficamos estarecidos de admiração perante os feitos de um Cesar, um duque de Alba, um Napoleão ou um Moltke.

Pois que cousa mais assombrosa do que essas terríveis chacinhas entre romanos e gauleses desfeitos em lama ensanguentada pelo luminoso génio (ia a dizer lúbrico) de um cabo de guerra como o nobre Julio Cesar!

Que pode haver de mais insignificante do que a preclara tática do célebre general de Carlos V e Filipe II quando sufoca em sangue a revolta dos Países Baixos? Pode-se ligar porventura, alguma importância ao apôdo de cruel e feroz com que os mentecaptos oprimem a memória do grande Duque?

Acaso pode haver maior maravilha do que as hecatombes de miseráveis levadas á prática pelo poderoso ingenho desse formidavel espírito que Santa Helena viu morrer?

Que vem fazer essa injénua justiça da humanidade estigmatizando a arteirice do grande organizador das falanjes alemães para o formidavel prélio de 1870?

E as cristãs façanhas de um Monforte nas suas evanjélicas arremetidas, por ezemplo, contra os albijenses, destroçando, saqueando, incendiando povoações; torturando, enforcando ou queimando milhares de pessoas, mulheres, velhos, crianças? E a S. Bartolomeu?

E quantas mais guerras religiosas a atestarem o alto saber dos generais?

E as reivindicações dos proletários através dos tempos? A Vagraria ensopada em sangue! A Jaqueria estertorando em atrozes suplicios! A comuna aniquilada por terríveis matanças, horrorosas carnicarias! A revolta da Sicilia abafada a poder de chumbo!

Tudo isto, todas estas pugnas afogadas em sangue pelo talento dos profissionais da Nobre Carreira das Armas!

Ha lá carreira mais Nobre?! Tapar a poder de balas as bocas dos que reclamam um

pedaço de pão?! Esmagar sob as patas dos cavalos os vilipendiados trabalhadores?! Abafar a tiros de canhão os clamores de uma grêve?! Varrer á sabrada uma massa inerme de populares inofensivos?!

Ser-se, por exemplo, um Pição nas grêves de Peniche?!

E mais factos (são tantos que encheriam as colunas deste periódico e transbordariam) a proclamarem a nobreza da Carreira das Armas.

Estamos assistindo a essa grandiosa epopeia que se vai escrevendo a sangue nos campos otomanos. Que nobres gestos os dos valorosos búlgaros, gregos, sérvios, montenegrinos!

Que nobre diplomacia, a astúcia (parece-me que ia dizer velhacaria) dos gabinetes da Triple e da Triplice de sociedade com os grupos (ou bandos?) de financeiros interessados nesse ardiloso jogo de xadrez! Que espetáculo tão emocionante! que belos panoramas de destróços, de estranhas orografias de cadáveres! Que pena faz não ouvir os gritos lancinantes dos miseráveis a morrerem feitos pedaços nesses campos de batalha, estorcendo-se convulsos, loucos de desespero e de tortura! Como deve ser encantador o vêr as mães fulminadas pela dôr de perderem seus filhos espatifados em honra da pátria... dos outros! as mulheres — filhas, esposas ou mães — debatendo-se contra a violação de estaimados fêmeiros de emplumados capacetes e espada á cinta! E como deve arrebatá-las ás supremas alturas do enlevo, assistir aos impotentes esforços dos velhos pais ou maridos para defenderem do ultraje os entes amados! e vê-los cair a golpes de justiceiro gládio nobremente manejado por ilustres guerreiros!

Ha, pois, mais meritória occupação para a mulher, do que educar seus filhos para eminentes atôres em tão grandiosas cênas?

E se encararmos a Nobre Carreira das Armas pelo outro lado das suas virtudes, não é menos grandioso o geral proceder dos que a professam.

Desde a caserna onde se amestram os galuchos para as benemerências da guerra, até superiores aos gabinetes do quartel, se veem exemplos de lealdade na arte de guerrear á traíção; de amôr pátrio na defesa do castelo roqueiro do senhor feudal ou das contas de multiplicar do senhor financeiro, ou da cupidez do senhor rei de Jácárandá contra o manifesto interesse da própria pátria. Pode acontecer que, ás vezes, por uma confusão de sentidos, tais patriotas julguem que a pátria é as suas pessoas ou as regalias dos que os mandam.

Tem sucedido mesmo passarem para a nação inimiga e venderem-lhe segredos que im-

portam a independência do país que tressua para sustentar esta nobre classe. Os Coriolanos, os Sertórios ou os Catilinas são frequêntes na história; mas isso é insignificante senão.

Ezalcem-se estas virtudes com variações, ás vezes, sobre motivos napolitanos ou seus competidores alemães, sacrificando a Ero em satisfação dos furrores de Priapo, tudo em louvor do virtuoso Falo com libações ao aguardentado Baco.

A esmaltar estas ezijências heliogabálicas ha a superior virtude do saque nos campos de batalha, escola magnífica para aprender a guardar o alheio a fim de se não estragar ou perder.

A moral pacóvia dos que mourejam para ganhar o pão, acha que isto é mal feito; quando pelo contrário é até muito bem feito; tão bem feito que os tais saqueadores são consagrados pela sociedade.

Como fátôr económico, a Nobre Carreira das Armas é de primeira ordem: durante a paz, absorve uma parte importantíssima dos rendimentos de um país; em tempo de guerra, desenvolve as indústrias e peza enormemente na balança dos impostos. E! verdade que as indústrias que se desenvolvem são as de canhões, armas, munições, panos para o ezército, etc., etc., e que todos os outros ramos do comércio e indústria estagnam. E! verdade que os produtos encarecem, principalmente os comestíveis; que se esfomeam populações inteiras. Mas isso é a lei das compensações. Também Deus Nosso Senhor, quando lhe deu a veneta para fabricar isto, fez a noute para compensar o dia.

De fórma que um país deve muito á classe que professa a Nobre Carreira das Armas: e esta, sendo tão serviçal, nada leva pelos seus relevantes serviços. Como se sabe é o país que sempre vota—ou pelo menos assim se convencionou imaginar—as medidas financeiras destinadas a remunerar os aitos feitos dos profissionais da supra dita Nobre; e dá de mão beijada aos milhares de contos de réis para que nada falte aos seus nobres defensores (este adjetivo *nobre* anda-me sempre nos bicos da pena: é uma obsessão do meu espirito!) defensores—claro é— dos interesses do financeiro A, do industrial machucho B, das operações bem combinadas do ministro C, etc., etc.

Nestas circunstâncias é incontestavel que ficaria mal aos tais da Nobre (etc. etc.) se se fizessem de manto de seda e não aceitassem o bolo tão gentilmente oferecido pelo povo trabalhador.—Ha quem diga: que é arrancado ao povo trabalhador; mas isso deve ser falso.

Dando-se balanço após uma guerra, veem-se resultados aterradorés: encargos espantosos

para a nação que aturou as façanhas heroicas da tão nobre (etc etc.); dívidas de milhões de contos a pezarem sobre os ombros dos proletários; perda de milhares de vidas; estagnação de dezenas de indústrias; esfomeação de três ou quatro gerações a seguir; e a garra do usurário que emprestou o dinheiro (os govêrnos das grandes nações que jogam de fóra do taboleiro da guerra) a cair implacável sobre o pobre país que em tais cavalarias se meteu, ou, melhor, foi metido.

Mas que é isso tudo?

Vale bem o *ligeiro* sacrificio de vidas, de dinheiro, de encargos, de desorganização económica, de atraso social, de parajem do progresso, o podem os povos recrearem se com a panorâmica ostentação de plumas, galhardetes, ouros, pratas, galões, capacetes, espadas flamejantes, côres berchantes dos uniformes, coórtes mavórticas, vozes de comando; tudo a estadear-se em pompas nas paradas festivas ou nas pugnas injentes, ao sol das batalhas!

Por isso, povos! escutai bem! na Nobre Carreira das Armas está a redenção do homem. a felicidade de vós todos. Não olheis a que vos esmaguem os impostos para a sustentação das hordas—quero dizer—das beneméritas lejiões de tão dedicados e prestantes cidadãos!

E vós, mães! deixai que vos roubem os filhos! deixai, mães amantíssimas! que êles se tornem a *carne de canhão*!

E vós, espôsas amováveis, dedicadas companheiras do homem! alegrai-vos por vos arastarem os maridos para o grande açougue—perdão!—para o campo da honra!

Viúvas, amantes, mães! que perdestes vossos entes queridos, que pranteais os pedaços da vossa alma! não choreis: vossos maridos, vossos companheiros, vossos filhos enobreceram-se aprendendo a arte de roubar em ponto grande; de matar em larga escala; enobreceram-se cursando as estravagâncias secuais de Nero ou Heliogábalô; esterilizando-se nos antros das casernas, libando o sumo de Baco; jogando; sifilizando-se; nada produzindo; tudo consumindo

Esposas, mães! é a vós que me dirijo muito principalmente!

Notai bem: matar um homem é um assassinato; e quem tal faz é um sêr repelente. Matar milhões de homens, com todos os ardis e ciladas da estratégia, é um ato glorioso; e quem o pratica é um herói! Roubar um pão para matar a fome, é um crime hediondo; e quem tal faz merece, quando menos, a força! Roubar as terras de outrem, as suas riquezas, a sua independência, o seu trabalho, a sua honra a pretexto de guerra, é um feito de grande cidadão digno, pelo menos, dos louros de Cesar!

Educai, pois, mulheres, os vossos filhos nestas salutareis doutrinas afim de os preparardes bem para a nobre arte de matar, roubar os povos; esbulhá-los dos seus direitos; estuprar donzelas; atraiçoar os seus, se com isso houver alguma coisa a ganhar; para a nobre arte de inverter as naturezas; de pagar o vicio; de corromper a mocidade; de adulterar os sentimentos; de fazer abdicar da propria dignidade; de se tornar titere nas mãos dos chefes; para finalmente nos combates com o inimigo desconhecido e de quem muitas vezes, se não tem agravos, morrer miseravelmente, moído de fadiga, roído pela fome, triturado pela metralha, retalhado de mil golpes, enlouquecido pelo horror da guerra, tornado um acervo de lama e sangue!

E não vos preocupeis, se, caso escapem, vossos filhos regressam inutilizados pelas doenças, inaptos para o trabalho fecundo.

Acima da vossa honra, mulheres, acima das vossas afeições mais caras, primeiro que a vossa virjindade, primeiro que o vosso coração, primeiro que vossos pais, vossos companheiros, vossos filhos muito amados, superior mesmo á vossa necessidade de viver, á vossa possibilidade de trabalhar, ha uma cousa pela qual tudo deveis sacrificar: A Nobre Carreira das Armas.

E! isto que o vosso coração de pombas ou a vossa alma varonil, mas sempre cheia de virtura e de dedicação, mas sempre rica de nobreza, de dignidade, de amor e de puros ideais, é isto que éla deseja? é para este fim que vós criais com tanto carinho e com tanta dôr os vossos filhos? para os verdes transformados em fêras agaloadas?

Pois então: Viva a Nobre Carreira das Armas!

José Carlos de Souza

### Ajudemo-nos

Encontra-se na mais precaria das circunstancias o nosso presado amigo e camarada Inacio Pereira.

Doente e rodeado de familia, Inacio Pereira bem merece o auxilio de todos os nossos companheiros. Que cada um, na medida das suas forças, lhe leve um pouco de pão e de conforto. Nesta redação se aceita quaisquer do-nativos.

## Francez

Ensino teorico-pratico,

sem auxilio de livros

Tradução, correspondencia e conversação, com verdadeira pronuncia parisiense, por metodo racional, intuitivo e atraente.

**1\$200 réis mensais**

Estrada da Penha de França, 82

## Anúncios

No intuito de fazer uma grande propaganda de todas as obras de ciência, sociologia e arte social que estejam editadas ou que venham a editar-se em português, para facilitar a difusão das ideias que o nosso jornal propaga e defende, além da apreciação desenvolvida e independente das obras que tem sido editadas ou que se forem editando, e de que sejamos recebedores de um exemplar, **TERRA LIVRE** oferece as suas páginas aos editores para anunciarem as suas publicações ao preço da tabela junta, reservando esta redação para si o direito de recusar o anúncio de livros com cuja doutrina não concorde, visto que só queremos anunciar livros cuja leitura possamos recomendar aos nossos leitores e que possamos servir de intermediários na sua venda.

**Preços dos anúncios** (Pagamento adiantado e em prestações mensais)

| Por           | 1      | 4       | 12      | 24 números |
|---------------|--------|---------|---------|------------|
| Uma página... | 5\$000 | 12\$000 | 24\$000 | 38\$000    |
| 1/2 >         | 2\$500 | 8\$000  | 16\$000 | 25\$000    |
| 1/4 >         | 1\$500 | 4\$000  | 10\$000 | 15\$000    |
| 1/8 >         | \$800  | 2\$000  | 4\$000  | 8\$000     |

NOTA—Estes preços são para anúncios permanentes; quando sofrerem alterações acresce mais 100 réis por cada linha.

ACABA DE APARECER

# Da Porta da Europa

FACTOS E IDEIAS

POR Neno Vasco

A questão religiosa ☉ A questão política ☉ A questão económica

**Preço 500 réis** (pelo correio mais 75 réis)

A administração da *Terra Livre* satisfaz prontamente todos os pedidos que venham acompanhados da importância respectiva.

## Encontram-se á venda

### nesta administração

destinando-se o produto a auxílio do nosso jornal, as seguintes

#### PUBLICAÇÕES

**Postais "Terra Livre,"** impresos em magnífico cartão de côr, ilustrados com uma sugestiva alegoria do distinto caricaturista Rocha Vieira e inserindo um resumo das ideias libertárias posal camaradas Adolfo Lima, Araujo Pereira, Neno Vasco, Pinto Quartim e Sobral de Campos—cada.... 10 réis.

\* Os mesmos em cartolina—300 réis o cento; pelo correio 350 réis.

\* **Os bastidores da guerra**, de Pedro Kropotkine—cada folheto de 24 páginas 30 réis.

\* **Ferro Velho**, versos de Araujo Pereira—cada 50 réis.

\* **Um pai**, entre-áto original de Araujo Pereira—20 réis.

\* **A questão social**, de Campos Lima—cada folheto de 32 páginas, 20 réis; 25 exemplares, 300 réis; pelo correio, 350.

\* **O Dogma e a Ciência**, de Emile Janvion—folheto de 100 páginas, 60 réis.

\* Coleção da revista **A'manhã** (6 números) 100 réis; pelo correio, 120.

\* **La guerre**, de Pierre Kropotkine (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 20 réis.

\* **A bas les chefs!** por Dèjacques (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 20 réis.

\* **La loi et l'autorité** por Kropotkine (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 20 réis.

\* **La loi e l'autorité**, por Pedro Kropotkine (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 24 paj.—20 réis.

**Les scientifiques**, por Jean Grave (publicações de *Les Temps Nouveaux*) 8 paj.—10 réis.

**Les incendiaires**, por Eujéne Vermersch (publicações de *Les Temps Nouveaux*) 8 paj.—20 réis.

**Le Militarisme**, por Domela Nieuwenhuis (publicações de *Les Temps Nouveaux*) 32 paj.—20 réis.

E' inútil incomodarem-se a escrever-nos fazendo pedidos de livros e folhetos sem que esses pedidos sejam acompanhados da respectiva importância, porque não os satisfaremos.

## TERRA LIVRE

### Semanário anarquista

(Publica-se ás quintas feiras)

Orgão de luta social e económica.—Tribuna amplamente aberta ás reivindicações dos trabalhadores.—Análise e comentários dos factos capitais da vida social e política portuguesa.—Desenvolvimento noticioso do movimento operário internacional.—Desenhos e caricaturas demolidoras.—Concursos científicos e inqueritos para o conhecimento do problema económico e social da região portuguesa.—Correspondência da provincia e do exterior.—Secções de ciência, filologia, arte, educação, literatura e critica.

Corpo redatorial:

Carlos Rates—Neno Vasco—Pinto Quartim—Sobral de Campos.

Colaboradores:

Adolfo Lima—Afonso Manaças—Araujo Pereira—Aurelio Quintanilha—Bel-Adan—Campos Lima—Clemente Vieira dos Santos—Emilio Costa—Gaspar dos Santos—Humberto de Avelar—Ismael Pimentel—José Bacelar—José Benedy—José Carlos de Sousa—Manuel Ribeiro, Edmundo d'Oliveira e outros.

### Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colónias portuguesas

(Incluindo o importe do correio)

1 mês (só para o continente) 100

3 meses..... 300

6 meses..... 500

1 ano..... 1\$000

Numero avulso..... 20

Pacote de 50 exemplares (fora o porte do correio)..... 500

Para o Brazil (moeda fraca)

(Incluindo o importe do correio)

6 meses..... 2\$400

1 ano..... 4\$800

Numero avulso..... 100

Pacote de 50 exemplares..... 2\$500

Extérieur

Trois mois..... 2,50 fr.

Six mois..... 5 >

Um an..... 10 >

Prix du numéro..... 0,25 >

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importância em ordem postal ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despesa correspondente.

**Um exemplar gratuito.**—Pedimos a todos os nossos leitores e amigos que nos indiquem entre as suas relações, todas as pessoas suscetíveis de se interessarem pela leitura deste semanário.

Sobre os seus avisos, comunicando-nos os nomes e os endereços, enviaremos ás pessoas indicadas um exemplar gratuito que lhes permitirá avaliar a qualidade, o interesse e a utilidade da nossa publicação.

**Un spécimen gratuit**—Nous prions tous nos lecteurs et amis de vouloir bien nous signaler, parmi leurs relations, toutes les personnes susceptibles de s'intéresser à la lecture de *Terra Livre*. Sur leur avis, nous donnons des noms et des adresses, nous nous faisons un plaisir d'envoyer aux personnes indiquées un spécimen gratuit qui leur permettra de se rendre compte de la qualité, de la utilité et de l'intérêt de notre semainaire.

**Venda de livros.**—A administração do jornal *Terra Livre* satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estrangeiros que venham acompanhados da importância correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periodicas da Europa e da America.

**Notre service de librairie**—Se charge de fournir a tous nos abonnés et aux organisations tous ouvrages de librairie aux conditions habituelles de remise.

Adresser toute correspondance relative à la Rédaction et à l'Administration à Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lisbonne (Portugal).

—Per tutto ciò che riguarda la *Terra Livre*, indirizzare alla Rua das Gaveas, 55, 1.º. Lisbona (Portogallo)

—Cion, kio rilatas al *Terra Livre*, oni sendu al la Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lisbona (Portugal).

—All correspondance for *Terra Livre* should be adressed to Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lisbon (Portugal).

—All correspondenz für *Terra Livre* ist zu richten auf Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lissabon (Portugal).

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DAS GAVEAS, 55, 1.º

LISBOA

Agentes aceitam-se onde ainda os não haja

"Terra Livre" encontra-se á venda nos principais quiosques e tabacarias